

Desenvolvimento com austeridade

Houve época em que os líderes políticos brasileiros tinham projetos definidos e coerentes. Juscelino Kubitschek falava em "50 anos em cinco", para fundamentar sua pretensão de chegar à Presidência da República, em 1955. Carlos Lacerda chegou ao governo de seu Estado, a Guanabara, em 1960, para cumprir, num governo inesquecível, um projeto de governo pelo qual lutara, durante toda a sua vida, seja como jornalista, seja como parlamentar. O regime tecnocrático-militar interrompeu a carreira dos dois. Juscelino não pôde aproveitar a popularidade, adquirida em sua administração, para tentar nova arrancada desenvolvimentista. Carlos Lacerda foi impedido de realizar, no plano federal, um projeto comprovadamente bem-sucedido no plano estadual.

Os governos autoritários, infelizmente, não interromperam apenas a trajetória de dois administradores capazes de obter o êxito eleitoral apresentando uma estratégia clara de governo. O jejum de 29 anos sem eleições presidenciais diretas também levou à interrupção da própria prática de se apresentar ao eleitorado um programa de objetivos coerentes

com as idéias dos candidatos e de seus seguidores. O fio da meada foi rompido, no Brasil, que não seguiu o resto do mundo desenvolvido, repleto de exemplos de programas que deram certo na administração e por isso renderam e rendem votos a seus autores (vide Ronald Reagan nos Estados Unidos e Margaret Thatcher na Inglaterra). A eleição presidencial brasileira deste ano — pelo menos até agora — é um campo superpovoado de homens, mas deserto de idéias, parafraseando Oswaldo Aranha.

Como toda norma pressupõe uma exceção que a confirma, no panorama sucessório brasileiro um candidato, pelo menos, tem se destacado pela pregação sistemática e coerente de uma estratégia administrativa: Guilherme Afif Domingos, do PL. Seu programa, tentando retomar o fio da meada interrompido pela ruptura institucional de 1964, pretende oferecer à sociedade brasileira um binômio capaz de arrancá-la da inércia em que está mergulhada, mercê da crise econômica, e da perplexidade de aparentemente insolúveis impasses políticos. O projeto de Afif promete resgatar o desenvolvimento juscelinista e a

austeridade, bandeira permanente da pregação lacerdista, embora o nome do ex-governador da Guanabara não frequente o discurso do presidencialista, pelo menos com a mesma assiduidade das iniciais, pelas quais se tornou conhecido o construtor de Brasília.

Em entrevista, publicada pelo *Estado* no sábado passado, o candidato, que tem habitado o inverno glacial do termômetro popular das pesquisas de preferência eleitoral, fez crítica severa e justa à mentalidade de crescimento adotada como modelo pela tecnocracia brasileira. E, para defini-la, recorreu a uma expressão dura: para ele, esse crescimento, com ênfase na exploração dos recursos naturais, mas sem a plena utilização dos recursos humanos, produziu uma verdadeira "fábrica de miseráveis".

Ao contrário da grande maioria de seus competidores na eleição presidencial, Guilherme Afif Domingos não limita seu diagnóstico à crítica do que foi feito até agora: ele propõe passos à frente. Tais passos se apóiam no binômio *desenvolvimento e austeridade*, pilares nos quais se firma seu plano de emergência para a retomada do fio da meada da História.

Segundo Afif declarou na entrevista ao *Estado*, "o marco da retomada do processo do desenvolvimento não está implantado no nacional-socialismo fascista e corporativista, mas, sim, na visão desenvolvimentista moderna, com o uso de capitais de risco. Esta visão permite um novo tipo de nacionalismo, o nacionalismo dos fins e não dos meios". Para levar esse discurso à prática, ele anuncia a extinção de dez dos atuais 23 ministérios, a suspensão imediata de obras não prioritárias e a privatização de todos os setores da economia fora das fronteiras das obrigações do Estado, na sua opinião limitadas pela promoção da igualdade de oportunidades (saúde, educação, garantia de direitos, justiça e segurança) e por infra-estrutura básica (transporte, energia, comunicação, saneamento e irrigação).

A esperança da sociedade brasileira é que, se o candidato do PL não realizar seu objetivo de multiplicar, como fermento, o limitado percentual da preferência eleitoral por seu nome, consiga, pelo menos, levar aos outros competidores a serena lucidez de suas propostas.